



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

**Martim se tornou selvagem ao produzir a sua primeira flecha: um estudo de**

***A maçã no escuro*, de Clarice Lispector**

***Martim became wild when he produced his first arrow: a study of the *A maçã no escuro*,  
by Clarice Lispector***

Fabício Lemos da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo desenvolver uma análise do romance *A maçã no escuro* (1961), de Clarice Lispector (1920-1977). Em nossa abordagem, consideramos a presença do selvagem como particularidade que desloca e mobiliza o itinerário de Martim pelo que chamamos de indomesticado. Assim, é o animal e o orgânico que fazem do herói um personagem incapaz de pertencer às formas acabadas e definidas. Dessa forma, sublinharemos um caráter inconstante no modo de ser de Martim, que o leva às experiências desorganizadoras do mundo, culminando numa neutralidade e esvaziamento de uma visão lógica, social e burocrática. Para este trabalho, recorreremos às reflexões de Andrade (1972), Nunes (1979), Jardim (2016), Bataille (2018), Barthes (2003), Derrida (2005), Deleuze e Guattari (1980), Giorgi (2016), Santiago (2000, 2006), Nascimento (2012), Sá (1979, 2004), Sousa (2012), Viveiros de Castro (2002) e Librandi-Rocha (2012).

**Palavras-chave:** Clarice Lispector, *A maçã no escuro*, selvagem, indomesticado.

**Abstract:** This study aims to develop an analysis of the *A maçã no escuro* novel (1961), by Clarice Lispector (1920-1977). In our approach, we consider the presence of the savage as a peculiarity that displaces and mobilizes Martim's itinerary for what we call untamed. In the meantime, it is the animal and the organic that make the hero a incapable character of belonging to the finished and defined forms. Thus, we will underline an inconstant character in Martim's way of being, which leads him to the disorganizing experiences of the world, corroborating in a neutrality and emptying of a logical, social and bureaucratic vision. For this study, we use the reflections of Andrade (1972), Nunes (1979), Jardim (2016), Bataille (2018), Barthes (2003), Derrida (2005), Deleuze and Guattari (1980), Giorgi (2016), Santiago (2000, 2006), Nascimento (2012), Sá (1979, 2004), Sousa (2012), Viveiros de Castro (2002) and Librandi-Rocha (2012).

**Keywords:** Clarice Lispector, *A maçã no escuro*, wild, untamed.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGA, 2020). Licenciado em Letras (UFGA, 2012), com habilitação em Língua Portuguesa. Atualmente, é professor efetivo do Governo do Estado do Amapá. (Texto informado pelo autor).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Ele mudava a posição das pernas, paciente, sem entender. Não se dava conta de que ali estava lentamente fabricando a sua primeira flecha e polindo o seu primeiro dardo.

(Clarice Lispector, *A maçã no escuro*)<sup>2</sup>

O seu coração tremeu; a sua respiração tornou-se mais apressada; e um espírito selvagem passou por sobre os seus membros como se ele fosse escalar o sol.

(James Joyce, *Retrato do Artista quando jovem*)<sup>3</sup>

## Da “inconstância da alma selvagem” de Martim

O romance *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, foi publicado pela primeira vez em 1961, pela Editora Francisco Alves. A narrativa é dividida em três partes. São elas: “Como se faz um homem”, “Nascimento do herói” e “A maçã no escuro”. No enredo, temos o itinerário do personagem Martim, que foge da polícia, por pensar ter cometido o assassinato de sua esposa. Entretanto, a narrativa inicia já na fuga do homem, quando este, inicialmente, passa uma noite em um hotel fora de rota. Ao imaginar ter sido descoberto pelo dono do hotel, o Alemão, Martim pula a um terreno antigo, que o narrador chama de “coração do Brasil”.

Nesse jardim primário e terciário, interessa-nos, sobretudo, o chamado ou apelo que o fugitivo experimenta pelo orgânico e pelo selvagem — uma floresta que o chama a pertencer ao indomesticado, em suma, a misturar-se ao informe e à potência desorganizadora da ordem. Ainda em fuga, o personagem encontra uma fazenda, cuja dona é Vitória. Nesse lugar, o herói que tem formação matemática, passa a realizar tarefas diversas. Nesse sítio, Martim é preso ao final, depois de suspeitas de Vitória. O lugarejo ainda é habitado por Ermelinda, prima viúva da dona da fazenda, e criados. Vejamos um trecho que revela esta fuga, presente no momento inicial do romance:

Esta história começa numa noite de março tão escura quanto é a noite enquanto se dorme. O modo como, tranquilo, o tempo decorria era a lua

<sup>2</sup> LISPECTOR, 1961, p. 101.

<sup>3</sup> JOYCE, 1971, p. 159.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

altíssima passando pelo céu. Até que mais profundamente tarde também a lua desapareceu.

Nada agora diferenciava o sono de Martim do lento jardim sem lua: quando um homem dormia tão no fundo passava a não ser mais do que aquela árvore de pé ou o pulo do sapo no escuro. (LISPECTOR, 1961, p.11)

Desta breve síntese e citação do fragmento que abre o romance, passemos a abordar o lugar de *A maçã no escuro* na discussão da particularidade selvagem, que inicia com a geração modernista brasileira, na década de 1920. Neste momento da reflexão crítica sobre o selvagem — o lado floresta — acreditamos estar vinculado, em parte, o itinerário de Martim.

Situando a discussão do selvagem na modernidade, faz-se mister lembrar que, em 1924 e 1928, Oswald de Andrade (1972) publicou os Manifestos *Pau-Brasil* e *Antropófago*, respectivamente. Com eles, prefiguram-se as bases fundamentais para pensarmos o selvagem na literatura moderna brasileira. Trata-se, pois, de demarcar, em um primeiro momento, aquilo que Oswald de Andrade chama de “fragmentação”, “caos voluntário”, na esteira, por exemplo, de Mallarmé, citado no *Manifesto Pau-Brasil*, assim como se justifica nossa “base dupla”<sup>4</sup>, isto é, da “floresta” e da “escola”. Para tanto, interessa-nos como este “chamado” da floresta assume potencialidades que evocam o selvagem e seus movimentos a “deslizar” os homens, nunca os definindo de modo estanque.

Sob essa perspectiva, destacamos a “versão da antropofagia”, como chama Eduardo Jardim (2016) em *A brasilidade modernista* — sua dimensão filosófica, ao defender que neste grupo há uma orientação consciente para o caráter “intuitivo” que se preocupa com a integração do que ele chama de “brasilidade”. Segundo Jardim, “a antropofagia tem por principal referência as noções de integração e de intuição. A integração é o princípio que sustenta o ideário antropofágico de forma geral. Também nessa corrente, a intuição é a forma privilegiada de apreender a brasilidade” (JARDIM, 2016, p. 105-106). Assim, neste debate, claramente, podemos perceber uma questão relacionada à liberdade e às “forças instintivas”

---

<sup>4</sup> Essa base dupla de origem remete a qualquer coisa de indeterminação e pluralidade. Cf. SÁ, 2012, p. 83: “Percorrendo as trilhas cruzadas ou superpostas da sua existência selvagem, colonial e moderna, à procura de uma identidade que, de tão plural que é, beira a surpresa e a indeterminação.”



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

no ideário que orienta o movimento antropofágico, de acordo com Oswald de Andrade, pois é a “dimensão instintiva” o principal “motor” de uma possível deglutição do “outro”. Ainda de acordo com Jardim:

A referência a essa dimensão instintiva evidencia o contato dos antropófagos com os recentes estudos de psicanálise. São várias as alusões a Freud nos textos da antropofagia, no manifesto e até no nome de um dos articulistas da revista: Freuderico. A ideia recorrente é de que teria havido um momento em que as forças instintivas ainda não estavam represadas e os homens podiam viver livremente em um ambiente de harmonia. Nessa espécie de Idade de Ouro, teriam sido definidos os traços da nacionalidade que, no contexto modernista, precisavam ser resgatados. (JARDIM, 2016, p. 109-110)

Estamos, pois, no terreno das “forças instintivas e intuitivas”, portanto, do selvagem, dado como “antídoto” contra uma “realidade social, vestida e opressora” (ANDRADE, 1972, p. 232), como se mostra no Manifesto Antropófago, por exemplo. No que se refere à noção de antropofagia literária, vale a pena recorrermos ao ensaio do crítico Benedito Nunes (1979), intitulado *Oswald canibal*. Para ele,

A fonte da “antropofagia literária” manava, pois, desse território da primitividade, que recama todos os territórios geográfico-políticos, e com o qual a civilização técnica vinha de encontrar-se. [...] Começava, então, esse diálogo, que até hoje continua, entre o *pensamento lógico* e o “*pensamento selvagem*”, a cujo desenvolvimento se deve, em parte, a tremenda autoanálise do homem contemporâneo, que se dilacera a si mesmo, dilacerando os seus mitos. (NUNES, 1979, p. 19, grifo do autor)

Nesse sentido, o “pensamento selvagem”, dada a nossa duplicidade, de que fala Oswald de Andrade, assume, na ficção literária brasileira moderna, uma particularidade que se refere a uma permanência de movimentos que fazem dessa literatura uma tentativa de trazer à luz o indomesticado, uma espécie de incapacidade para pertencer às formas prontas e acabadas, visto que são os “elementos primitivos” a “fonte de inspiração”, como argumenta Boaventura (1985, p. 18), em *A Vanguarda Antropofágica*. Interessa-nos, então, como o selvagem, revisitado por Oswald de Andrade em sua reflexão crítica, no que tange à produção literária nacional, assume este “indomesticado”, segundo o qual continua reverberando como matéria fundamental da ficção moderna.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Estamos a falar, portanto, das obras *A maçã no escuro* (1961), de Clarice Lispector. Com este *corpus*, interpretaremos a presença daquilo que chamamos de “formas do selvagem” nas narrativas em questão. Faz-se mister, então, pensarmos o selvagem nesses textos como abertura, por vezes, que se dá na aproximação homem/animal. No entanto, para o romance de Clarice Lispector, não estamos direcionando nosso pensamento para a questão da metamorfose ou transformação simples, mas de um devir, da maneira como pensaram Deleuze e Guattari (1980), pois “os devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são reais (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 291, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Assim, o intento do estudo, em parte, desenvolve-se na tentativa de demonstrar como o selvagem em devir se torna forma e assunto no itinerário do personagem Martim, do romance *A maçã no escuro*. Então, pelo aparecimento do selvagem, é o “indefinível” e o “indecidível” que se colocam como a maneira de demonstrar o deslocamento daquilo que não pode ser definido com facilidade. Poder-se-ia dizer, na esteira de Jacques Derrida (2005, p. 89) em *A farmácia de Platão*, que, para essa figura, tudo se congrega, sendo “o bem e o mal”, ao mesmo tempo, em indecisão, joga-se com os dois lados, antes, faz parte de um só evento, pois, não se desvincula de nenhum plano para não ser decisão. Desse aspecto, fala-se em ambiguidade do selvagem. Em suma, pela aproximação com o animal, corrobora-se no homem a incapacidade da fixação, isto é, prefigura-se um “deslizar” que o faz deslocar-se sem, no entanto, classificar-se.

Dessa abordagem, vale a pena recorrermos aos argumentos de Gabriel Giorgi (2016, p. 7) em *Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica*, ao apontar que, na década de 1960, na literatura latino-americana, houve um interesse pela discussão em torno da “vida animal”, ou ainda, como ele sublinha, uma “instância de uma proximidade inquietante” entre homem e animal. Assim, nesse contato, que faz do sujeito enveredar-se pelo selvagem, dada a potência animal que desloca e desconstrói fronteiras nítidas, fechadas e acabadas, torna a vida

---

<sup>5</sup> No original (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 291), lê-se: “Les devenirs-animaux ne sont pas des rêves ni des fantasmes. Ils sont parfaitement réels.”



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

humana uma abertura para novas e reais possibilidades. Segundo Giorgi:

A distinção entre humano e animal se tornará cada vez mais precária, menos sustentável em suas formas e seus sentidos, e deixará lugar a uma vida animal sem forma precisa, contagiosa, que já não se deixa submeter às prescrições da metáfora e, em geral, da linguagem figurativa, mas começa a funcionar num contínuo orgânico, afetivo, material e político com o humano. O animal, então, muda de lugar na cultura e ao fazê-lo mobiliza ordenamentos de corpos, territórios, sentidos e gramáticas do visível e do sensível que se disputavam ao redor da oposição entre animal e humano. (GIORGI, 2016, p. 8-9)

A vida animal, assim, no plano da cultura, com ênfase, aqui, para a ficção, invade a vida humana, promovendo-se, assim, como pensa Gabriel Giorgi (2016, p. 9), a “desestabilização da distância” entre estas duas “formas de vidas”, cujos traços comuns fazem com que o homem compartilhe de animalizações e do selvagem, outrora, integrados e aceitos apenas no animal, aliás, traços que os distinguem<sup>6</sup> do primeiro. Para o pesquisador, anteriormente:

Muitas tradições culturais na América Latina haviam inscrito, de modos recorrentes, o animal como o outro sistemático do humano; as imagens da vida animal traçaram ali o horizonte móvel de onde provinham o selvagem, o bárbaro e o indisciplinado, e onde o animal nomeava um fundo ameaçador dos corpos que as frágeis civilidades da região mal podiam. (GIORGI, 2016, p. 7)

O selvagem, como apontamos, por meio dos manifestos modernistas oswaldianos, na década de 1920, conforme a reflexão estético-crítica do poeta brasileiro, inaugura uma particularidade e singularidade do pensamento ficcional nacional. Para tanto, conforme Giorgi, no mencionado estudo, a questão selvagem quando da aproximação com o animal prefigura “formas” que comunicam um traço comum no homem/animal. Interessa-nos, portanto, a maneira como o segundo assume formas poéticas de interseção ou, ainda, de

<sup>6</sup> Cf. MACIEL, 2011, p. 86: “Cabe lembrar que a cisão entre homem e animal, humanidade e animalidade, teve seu ponto crucial na era moderna, mais especificamente a partir do século XVIII, com o triunfo do pensamento cartesiano. Visto como máquina, um mero corpo automatizado e sem alma, o animal passou então a ser esquadilhado a partir de critérios taxonômicos bem definidos, como os de Lineu, sob o influxo das ciências de observação e experimentação que precederam o surgimento dos zoológicos na Europa.”



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

mistura, em devir, com o humano na ficção de escritores consagrados da literatura nacional.

Nesse sentido, nosso objetivo é verificar como a reflexão estético-crítica sobre o selvagem reverberou na modernidade, em escritores consagrados da literatura nacional, como é o caso de Clarice Lispector. Tencionamos, assim, pensar o “espírito selvagem”, nascido e demarcado como reflexão crítica na arte com a geração moderna da década de 1920, e amadurecido nas gerações subsequentes, como se verifica com a ficção de Lispector. O selvagem como marca que atravessa a floresta, evidenciado nos manifestos oswaldianos, permite na modernidade problematizações no que diz respeito ao “vigor selvagem”.

Em *A maçã no escuro*, pensamos ser o “chamado” ao orgânico e ao animal a maneira mais singular como este selvagem se evidencia, aliás, lembrado desde o primeiro romance da escritora, intitulado *Perto do coração selvagem* (1943). “Chamado”, aqui, reveste-se de uma “vocação” ou “apelo” ao lado selvagem e ao animal, como sublinha Evando Nascimento (2012, p. 27) em *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. No romance, Martim, pelo corpo, em latência, inaugura uma brutalidade, um modo de ser primitivo que o afasta do comum e da burocrática existência em sociedade.

Então, no que diz respeito à particularidade do que chamamos, aqui, de “selvagem”, entendemo-lo como experiência que “desloca” e “desliza” os sujeitos na ficção. Neste ínterim, é possível pensar que quando o selvagem assume o seu lugar nesses materiais ficcionais, é o inclassificado e o indefinido que corrobora nas vivências dos personagens, por exemplo. Para isso, corpos deixam de possuir uma forma acabada e definida, antes, “joga” o homem para experiências com o informe e com o neutro. Informe, aqui, é pensado na esteira de Georges Bataille (2018), em seu verbete “Informe”, inserido na Revista *Documents*. Para o pensador francês, “um dicionário começaria a partir do momento em que não desse mais o sentido, mas as tarefas das palavras. Assim, informe não é apenas um adjetivo que tem este ou aquele sentido, mas um termo que serve para desclassificar” (BATAILLE, 2018, p. 147).

De outro lado, por “Neutro”, conforme o pensamento de Roland Barthes (2003), consideramos como tudo aquilo que congrega, mas nada conclui. Fala-se, então, em um



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Neutro “que burla o paradigma” (BARTHES, 2003, p. 16). Assim, associado a essas particularidades, podemos pensar o selvagem como uma experiência que implica a manifestação da recusa à utilidade, no sentido lógico e mercadológico, antes, prefigura-se na negação ao repouso, às classificações fáceis, aos paradigmas e às unidades. No fundo, a imagem do “Retrato de Lao-Tsé por ele mesmo”, inserido no livro *Neutro*, de Roland Barthes (2003), coloca-nos no cerne da questão: “Pareço arrastado pelas ondas, como se não tivesse lugar de repouso. Os outros todos têm utilidade; só eu sou obtuso como um selvagem [*sauvage*]” (GRENIER *apud* BARTHES, 2003, p. 16).

A reflexão sobre o selvagem como marca na cultura brasileira, desde o movimento antropofágico da geração moderna de 1920, ainda é constante na ficção nacional. Todavia, para que este selvagem apareça como matéria ficcional, dois movimentos são evidenciados em nossa reflexão. O primeiro, diz respeito ao chamado do selvagem e suas potencialidades para fazer com que o homem seja “contaminado” por “zonas” do aberto e de experiências de mistura com o orgânico, inaugurados pela “filiação” com o animal. Aberto, aqui, significa uma força para a hibridização e para modos disformes de experimentar a realidade, como se lê num poema de Rilke (2013, p. 67): “Com todos os seus olhos, a criatura vê o aberto.”

Em *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, prefigura-se o momento da produção ficcional latino-americana, como formula Gabriel Giorgi (2016) em que o animal é expandido como interesse de uma potência que invade o espaço humano, ou ainda, o próprio homem. No itinerário de Martim, desde a fuga, há muitos momentos em que o herói se depara com esse orgânico selvagem, perfazendo-se, por vezes, em seu corpo:

Seus músculos se comprimiram selvagememente contra a imunda consciência que se abriga ao redor da unha. Ilógico, lutava primitivamente com o corpo, torcendo-se numa careta de dor e de fome, e com voracidade ele todo tentou se tornar apenas orgânico. (LISPECTOR, 1961, p. 50)

Em relação a essa filiação com o animal, Olga de Sá (1979) em *A escritura de Clarice Lispector*, afirma: “quando entra no mundo animal, Martim tem de imitar o modo de ver dos bichos, *quase* tomar-lhes a forma, para captar sua linguagem” (SÁ, 1979, p. 251, grifo nosso).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Interessa-nos este termo “quase” da interpretação de Sá, pois, Martim se aproxima do animal, mas seu modo selvagem, justificado por esta relação homem/bicho, não faz do fugitivo um animal, como se poderia pensar de uma possível metamorfose, antes, dá-se em devir, num processo em que Martim não deixa de ser homem, como pensam Deleuze e Guattari (1980, p. 291), ao refletirem sobre o devir.

Em diálogo com a ideia de devir pela aproximação Martim e animal/orgânico, concordamos com Carlos Mendes de Sousa (2012) em *Clarice Lispector: figuras da escrita*, ao afirmar que o “grunhir” (primeira parte do romance) de Martim, após a fuga, não se explica por uma transformação simples em animal, ao contrário, dá-se em devir. Sousa explica:

No início de *A maçã no escuro* diz-se que “o homem grunhiu” [...] e fala-se, depois, dessa “coisa feita de rugido” [...]; a apropriação das qualidades animais por parte do homem não é feita no plano da metamorfose, nem tampouco se trata de uma simples imitação ou de uma espécie qualquer de identificação a partir de um modelo. O modo mais produtivo para definir o processo figurado pela força animal na escrita de Lispector encontramos no conceito deleuziano de devir. (SOUSA, 2012, p. 286)

Lemos, assim, o romance *A maçã no escuro*, em sintonia com esse interesse pelo animal, pensado como questão que se expande na cultura latino-americana na década de 1960, como pensa Gabriel Giorgi (2016), mas também como matéria moderna brasileira que reverbera na ficção nacional. Estamos a falar do selvagem, ou ainda, o viés que nos liga à “floresta”, ao orgânico e ao primitivo, dando-se como maneiras de prefigurar as marcas do que significa ser nacional. Segundo Santiago, “em toda sua plenitude de solidão, liberdade e felicidade, na ficção de Clarice a vida é animal e humana, pulsa, move-se e é selvagem. Pulsa e quer continuar pulsando, move-se e quer continuar movendo-se.” (SANTIAGO, 2006, p. 162).

Em tese, defendemos que há em Martim um projeto moderno que se configura em seu afastamento do burocrático, do social que lhe tolhe e aprisiona, para, enfim, capturar um primitivo que se dá, por exemplo, no corpo e no olhar que percebe um minúsculo som natural,



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

segundo o qual só é possível caso seja atendido o “chamado” e o “apelo” do animal, numa relação que se perfaz na intimidade. Para Nascimento (2012), essa “vocação” ao selvagem nasce “das zonas fronteiriças e da impossibilidade de separar completa e simetricamente os dois blocos. É certo animal no homem e certo homem no animal” (NASCIMENTO, 2012, p. 30).

Desse modo, nossa leitura assume um direcionamento interpretativo que liga a obra de Clarice Lispector ao projeto moderno das primeiras décadas do século XX, na medida em que o selvagem, como faz lembrar seu romance de estreia, *Perto do cora o selvagem*,   mola propulsora. Para isso, é a rela o homem/animal, em devir, que inaugura este despertar para um indomesticado e desorganiza es impostas por informes imagens.

Poder-se-ia dizer que estes seres, a exemplo de Martim, carregam em seu modo de estar no mundo uma espécie de “inconstância da alma selvagem”, na maneira como argumenta Eduardo Viveiros de Castro (2002). Na inconstância do ameríndio diante das missões cristãs, por exemplo, que sempre volta para seus costumes originários, mesmo com o trabalho de catequiza o, imaginamos o herói de *A maça no escuro* como ser difícil e inconstante, que, estando em dinamismo e próximo ao animal, faz o primitivo estar em ênfase. No que diz respeito   inconstância do selvagem, Viveiros de Castro (2002) argumenta:

Ela passou, na verdade, a ser um traço definidor do caráter ameríndio, consolidando-se como um dos estereótipos do imaginário nacional: o  ndio mal-converso que,   primeira oportunidade, manda Deus, enxada e roupas ao diabo, retornando feliz   selva, presa de um atavismo incurável. A inconstância   uma constante da equa o selvagem. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 186-187)

Assim, esta “inconstância” leva, ou melhor, “chama” e faz “apelos” para tantos personagens de Clarice Lispector, por exemplo, ao se voltarem para o selvagem, como Martim, que, na fuga, toma contato com um animal que lhe habita, muitas vezes, dado pelo olhar. Este, volta à floresta, feliz, porque se desliga do burocrático e dos aprisionamentos sociais para viver livre, como um animal, grosseiro e bruto:

Qualquer porém que tivesse sido o motivo, esquecera-o. E andando sem



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

parar, o homem coçou violentamente a cabeça com duros dedos [...] Então passou a mão pelo rosto e sorriu misteriosamente ao sentir a barba dura apontar, o que também era alguma coisa promissora e satisfatória. [...] Guiava-o a suavidade dos brutos, a mesma que faz com que um bicho ande bonito. (LISPECTOR, 1961, p. 23-24)

Neste momento, vale a pena um excursão sobre a ficção de Clarice Lispector naquilo que chamamos de literatura moderna. Para isso, é imprescindível situarmos o selvagem como projeto estético-literário da escritora. Nesse sentido, consideramos a narrativa de Lispector como textualidade que faz ecoar questões no que diz respeito ao selvagem como particularidade que libera e desorganiza o humano, por exemplo, como se dá em certos momentos do romance *Retrato do Artista quando jovem* (1971), de James Joyce. Na narrativa do autor irlandês, lemos o itinerário do personagem Stephen Dedalus<sup>7</sup> em toda a sua trajetória — da infância à vida adulta. Interessa-nos, todavia, o momento em que o herói se envereda por uma reflexão que traz o selvagem como questão que faz instalar o indomesticado — dada como imagem que legitima o “erro” e o estar sozinho como maneira mais autêntica de vivenciar experiências que desautomatizam a vida cotidiana, como podemos interpretar pelo seguinte fragmento:

Não tenho medo de estar sozinho, de ser desdenhado por quem quer que seja, nem de deixar seja lá o que for que eu tenha que deixar. E não tenho medo, tampouco, de cometer um erro, um erro que dure toda a vida e talvez tanto quanto a própria eternidade mesma. (JOYCE, 1971, p. 232)

De sorte, este caráter inconstante, que se encaminha pelo sem “medo” de “errar”, ou ainda, de caminhar solitário para melhor experimentar, talvez, dos erros<sup>8</sup>, leva o sujeito para caminhos que só podem levar o homem para aberturas de si mesmo, isto é, de vivências que libertam o sujeito de moralidades e paradigmas sociais. Em suma, é esta ausência de medo que faz do personagem um vivente que se desloca como uma flecha, velozmente e selvagemmente, como mostra este outro trecho da narrativa de Joyce:

<sup>7</sup> Cf. BARBOSA, 2018, p. 74.

<sup>8</sup> Cf. NASCIMENTO, 2012, p. 28: “A ficção clariciana sinaliza uma experiência (no sentido etimológico de ‘risco’ ou ‘perigo’, cujo rastro o *peri* mantém) diferencial para o humano.”



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

A sua alma estava se alando ar acima para lá do mundo, e o corpo, sabia ele, estava purificando por um sopro, libertado da incerteza, e se tornara radiante, diluído no elemento mesmo do espírito. Um êxtase deslumbrado de voo tornava radiantes os seus olhos, desordenada a sua respiração, e trêmulos, selvagens e radiantes os seus membros arrebatados pelo vento. (JOYCE, 1971, p. 159)

Vemos, então, em Martim, esse mesmo “sentimento” no trajeto do fugitivo. Este, por vezes, esquece o crime cometido e até o pensamento, para melhor experimentar do orgânico e do apelo animal, que o chama em vários momentos ao informe, como vemos na epígrafe do livro. Esse mesmo informe que tudo congrega, poder-se-ia dizer, “embaralha” possíveis ontologias e, por sua vez, identidades fixas, porque toda tentativa de definir desliza e é impedida de ser conceituada:

Criando todas as coisas, ele entrou em tudo. Entrando em todas as coisas, tornou-se o que tem forma e o que é informe; tornou-se o que pode ser definido e o que não pode ser definido; tornou-se o que tem apoio e o que não tem apoio; tornou-se o que é grosseiro e o que sutil. Tornou-se toda espécie de coisas: por isso os sábios chamam-no o Real. (LISPECTOR, 1961, p. 7)<sup>9</sup>

Neste bojo, quando o narrador diz que Martim, comprime selvagememente o corpo e, ao mesmo tempo, encontra-se “fabricando a sua primeira flecha e polindo o seu primeiro dardo” (LISPECTOR, 1961, p.101). Nessa imagem, assim, amalgama-se o caminhar desordenado, informe e primitivo do fugitivo, não havendo, por um longo período, projetos e planos, mas apenas a pura vivência. Em suma, acreditamos ser a flecha a metáfora deste novo Martim, desligado do social e do burocrático, e entregue à experiência da mobilidade e da dinâmica que faz do corpo a pura comunicação, sobretudo quando a “fala” verbal é retirada, momento em que Martim esquece a linguagem social para “grunhir”.

Carlos Mendes de Sousa (2012) em *Figuras da Escrita*, no que diz respeito ao *corpus* de nosso estudo, afirma que Martim passa por um “caminho de aprendizagens” (SOUSA, 2012, p. 158). Neste aprendizado, ainda segundo o crítico, “Martim, na sua caminhada, numa

<sup>9</sup> Essa epígrafe, vale lembrar, faz referência ao *Taittiriya-Upanishad* (1987, p. 37).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

série de provas por que passa, espécie de renascimento, terá que se despojar da linguagem que transporta; a experiência do silêncio equivalerá a uma purificação do ‘dialeto da tribo’” (SOUSA, 2012, p. 158). Concordamos com Sousa, neste sentido do “aprendizado”, e acrescentamos o modo selvagem como parte da experiência, que, em particular acontecimento, faz o fugitivo grunhir, prevalecendo, no entanto, os gestos — duros e rudes — como maneira de fazer o corpo falar.

A vida orgânica lhe tinha gritado, numa mistura de silêncio, caminhada e “corpo abrasado”, como faz lembrar a vivência de Stephen Dedalus, o qual dialoga, sobremaneira com o movimento realizado por Martim. O narrador diz:

As nuvens vogavam por cima dele, silenciosamente! E, silenciosamente, o emaranhado do mar ia vogando por debaixo dele, e o ar quente e cinzento estava parado; uma vida nova e selvagem cantava-lhe nas veias. [...] todo o seu corpo estava abrasado; os seus membros tremiam. Caminhou, caminhou, caminhou, a passos largos, até longe, por sobre a praia, cantando selvagememente para o mar, gritando para saudar o advento da vida que tinha gritado para ele. (JOYCE, 1971, p. 160-161)

Portanto, é para esse “grito” selvagem que estamos direcionando nossa leitura de *A maçã no escuro*. Com ele, inaugura-se a inconstância da “alma selvagem”, na maneira como pensa Viveiros de Castro (2002, p. 187). Além disso, com esta alma, dinamiza-se a vida para contornos que fogem da castradora realidade “vestida” e “opressora”, de que fala Oswald de Andrade (1972, p. 232), para, enfim, emergir uma nova realidade que desmistifica ontologias e paradigmas que tolhem a liberdade do homem.

Como abordamos, há na ficção de Clarice Lispector, a exemplo de *A maçã no escuro*, uma forte conexão com uma modernidade ficcional para além da literatura nacional brasileira, como vimos a partir da relação com *Retrato do artista quando jovem*, de Joyce. Por outro lado, devemos situar o projeto da escritora também numa discussão que se comunica com questões importantes da modernidade brasileira em sua primeira geração, discutidas, principalmente, por Oswald de Andrade — a floresta e o selvagem. Somado a isto, é mister lembrar que o romance foi publicado no início da década de 1960, quando temos uma forte



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

tendência em marcar a presença do animal, e, por sua vez, do selvagem como traço que faz lembrar o indomesticado na literatura latino-americana, como é discutido por Gabriel Giorgi (2016).

Dessa maneira, esses três pontos: a relação com uma ficção que faz “falar” o selvagem fora da literatura nacional brasileira, a discussão do selvagem com os manifestos oswaldianos, assim como um “espírito de época”, que, podemos chamar de tendência na ficção da América Latina, segundo a qual privilegia a animalidade, misturam-se e somam-se para que Clarice Lispector edifique o seu projeto literário, a sua obra. Nesse sentido, Martim é um desclassificado, sendo incapaz de pertencer à norma e à ordem, porque, antes, atende ao chamado do animal, que lhe proporciona experiências pelo aberto, lugar que mistura, não se define, congrega ao não permitir definições claras e objetivas.

Podemos dizer, então, que Martim se torna selvagem quando aceita o dinamismo, o caminhar e estar sozinho, a comunicação marcada em seu corpo, não na linguagem verbal e humana, mas em sua latência e pulsão que inaugura a sua “animalização”, no sentido de devir, como formularam Deleuze e Guattari (1980). Todos esses traços, como sublinhamos, acarretam formas indomesticadas e aberturas de zonas até então fechadas, definidas e paradigmáticas.

Então, quando situamos o selvagem como questão fundante na literatura brasileira, elegemos uma reflexão que libera o pensamento para aberturas e formas híbridas, nunca para “unidades”, isto é, “burla-se” o sistema colonizador para instaurar a “destruição” de supostas formas acabadas, com a justificativa de serem “puras”. Silviano Santiago (2000), em *Uma literatura nos trópicos*, afirma: “na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta” (SANTIAGO, 2000, p. 14). Sob esse viés, a noção da unificação demarca uma tentativa de suplantar um pensamento selvagem que conflui no híbrido e na mistura, postos à prova, de acordo com Silviano Santiago, pela figura do mestiço, por exemplo.

No mestiço, de acordo com Santiago, vê-se uma “espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura do único caminho possível que poderia



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

levar à descolonização” (SANTIAGO, 2000, p. 15). Para efeito de interpretação desse movimento “descolonizador” pela produção artística brasileira, desde a modernidade, o selvagem prefigura essa clara intenção de sempre “burlar” a unidade do colonizador, instaurando um retorno ao primitivo, à floresta, ao escondido. No fundo, como pensa Santiago (2000, p. 16), “o elemento híbrido reina”, para desarticular formas fixas, mistificadoras de unidades. Ainda segundo o ensaísta:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza*: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. (SANTIAGO, 2000, p. 16, grifo do autor)

Assim sendo, em *A maçã no escuro*, o homem passa por uma vivência que o leva à “deseroização”, como afirma Olga de Sá (2004, p. 78). Dessa forma, deste movimento, o herói clariceano, ao contrário dos personagens tradicionais, íntegros, “nítidos”, “firmes” e “claros” (ROSENFELD, 2009, p. 85), deixa de ser inteiro e total, para pertencer às zonas neutras e sem contornos claros, antes, deforma as fronteiras, por exemplo, entre o homem e o animal, instalando-se, então, experiências que desliza o homem para não concretudes e tampouco para identidades definidas. Poder-se-ia dizer que Martim é um herói que se desmancha em figura informe, recusando, por isso, a imobilidade, para ser movimento e indefinição conceitual. Com essa reflexão, perguntamo-nos, é possível definir Martim? Considerando o fugitivo um herói que se “deseroíza”, este, só pode carregar a “inconstância de uma alma selvagem”. Ao tentar defini-lo, ele se desloca, perdendo a linguagem humana para abrir-se ao orgânico. É quando o animal lhe chama com mais força, como vemos no curral da fazenda de Vitória:

O escuro do calor das vacas enchia o ar do curral. E como se alguma coisa que nenhuma pessoa e nenhuma consciência lhe pudesse dar, ali no curral lhe fosse dado — ele o recebia. O cheiro sufocante era o do sangue vagaroso



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

nos corpos dos bichos. Não mais o intenso sono das plantas, não mais a mesquinha prudência em sobreviver que havia nos ratos ariscos. (LISPECTOR, 1961, p. 116)

No que diz respeito à potência do animal — seus chamados e apelos —, para Yulieta Yelin (2008) em seu estudo sobre a animalidade em “Meu tio o iauaretê” (1969), de Guimarães Rosa, e *A Paixão Segundo G.H* (1964), de Clarice Lispector, o animal nesses textos invade o humano. Para a pesquisadora, nessas ficções, há uma “experiência da tensão entre natureza e cultura, a pressão ancestral do animal dentro do humano” (YELIN, 2008, p. 227, tradução nossa)<sup>10</sup>. Vale lembrar que o *corpus* analisado pela pesquisadora faz parte daquele rol de ficções da década de 1960, que, de acordo com Gabriel Giorgi (2016), prefiguram a presença da animalidade. Entretanto, como dissemos, em Clarice Lispector funciona muito mais como um *devir*, cuja alteridade homem/animal abarca o ponto central. Martim, por exemplo, mistura-se às vacas, ao terreno. Selvagemmente, enrosca-se à terra grossa, e, neste ato, inauguram-se aberturas para experiências, em que fronteiras (homem e animal) são “derrubadas” para deslocar possíveis identidades fixas:

Naquele porão vegetal, que a luz mal nimbava, o homem se refugiava calado e bruto como se somente no princípio mais grosseiro do mundo aquela coisa que ele era coubesse: no terreno rastejante a harmonia feita de poucos elementos não o ultrapassava nem ao seu silêncio. O silêncio das plantas estava no seu próprio diapasão: ele grunhia aprovando. Ele que não tinha nada a dizer. *E que não queria falar nunca mais. Ele que em greve deixara de ser uma pessoa.* (LISPECTOR, 1961, p. 90, grifo nosso)

Vemos, então, no itinerário de Martim um deslocamento e uma vontade para romper com o definido, o completo, para ser aberto, por vezes, uma “não pessoa”, no sentido ontológico que seria de uma figura íntegra e inteira, instaurando na narrativa uma sempre incompletude. Trata-se de uma experiência selvagem, quem sabe, ameríndia, cuja vida em movimento poderia, como sublinha Marília Librandi-Rocha (2012) em relação ao pensamento indígena, promover uma “reformulação” no entendimento, por exemplo, do corpo. Para a

<sup>10</sup> No original (YELIN, 2008, p. 227), lê-se: “experiencia de la tensión entre naturaleza y cultura, la presión ancestral de lo animal dentro de lo humano.”



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

pesquisadora, ao falar do corpo na ficção que flerta com o pensamento indígena, diz-se que:

Para entender o ponto de vista de outrem é preciso assumir seu corpo, “incorporá-lo”, pois o conceito de corpo ameríndio é um conceito não biológico, mas metamórfico, como uma roupa que se veste e se desveste, a depender da situação e dos encontros passíveis de alteração. Essa mesma noção é expressa por Clarice Lispector no jogo ficcional que se estabelece entre ela e o narrador Rodrigo S.M., seu duplo. (LIBRANDI-ROCHA, 2012, p. 190)

Portanto, essas ressonâncias de um corpo que se “veste e se desveste” invade, em nossa leitura, a cena de *A maçã no escuro*. Não há, assim, em nossa visão, uma completude de Martim, antes ele se desloca, retirando uma veste para experimentar de outra. No terreno, ele grunhe, conversa com os minerais, as pedras, deixa o mundo das plantas, para entregar-se mais aos animais do curral. Tudo, nesse sentido, são experiências que o impede de completar-se, de ser inteiro e acabado: “Depois, por um altruísmo de identificação, foi que ele quase tomou a forma de um dos bichos. E foi assim fazendo que, com certa surpresa, inesperadamente pareceu entender como é uma vaca” (LISPECTOR, 1961, p. 106).

Podemos interpretar, então, que o trajeto de Martim se faz pelo desordenado, não sendo possível implantar projetos fixos e duradouros, porque o mais importante em muitos momentos é deixar-se viver organicamente, longe do pensamento, da lógica, de ontologias que impedem a abertura para novas possibilidades: “Experimentou calcular se estaria perto ou infinitamente longe daquilo que acontecia em algum lugar. Mas parava, e de novo o silêncio do sol se refazia e o desorientava” (LISPECTOR, 1961, p. 53). Dessa forma, é nesse selvagem que estamos situando em *A maçã no escuro*, experiência que permite ao homem deslizar por entre o terreno antigo, terciário e primário, com o intento de fazê-lo vivenciar uma vida orgânica, de modo que o herói se “deseroíze”, porque é inconstante como alma selvagem. Em suma, ao entregar-se a sua inconstância, o personagem faz falar — em grunhido e silêncio — o lado floresta, tantas vezes pensado na literatura brasileira, como se vê, sobretudo, na primeira geração modernista.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

## Considerações finais

Neste trabalho, discutimos a presença do selvagem como particularidade do modo de ser e de movimentar-se de Martim, personagem do romance *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, publicado em 1961. No itinerário do herói clariceano, é o dinamismo e nunca a completude que leva o fugitivo da polícia à potência do orgânico. Pela experiência com os minerais, as plantas e, principalmente, com os animais, que fazem do homem um desorganizado e desorientado, porque, no fundo, é a vivência com esta nova realidade que se efetiva, por um longo período, dada como selvagem experiência.

Privilegiamos, dessa forma, uma leitura que vê no romance de Clarice Lispector uma oportunidade de dialogarmos com temáticas muito caras à literatura brasileira. Trata-se do selvagem — o lado floresta — evidenciado na reflexão crítica da década de 1920 por escritores modernos. Além disso, ressaltamos, à luz das reflexões de Gabriel Giorgi (2016), o *corpus* em questão como participante de um espírito de época — década de 1960 — que colocou a animalidade em evidência na literatura latino-americana.

Para além desses aspectos, sublinhamos uma conexão da literatura da escritora brasileira com uma outra produzida em cenário mais internacional, em que o selvagem se faz presente, como é o caso do livro *Retrato do Artista quando jovem* (1971), de James Joyce. Em síntese, apontamos esses aspectos para interpretar na vivência de Martim uma maneira de ler o herói, emprestando um termo de Viveiros de Castro (2002), como vivente de “inconstante alma selvagem”. Assim, elegendo a inconstância do fugitivo, podemos pensá-lo como personagem que se desordena, esquece, por vezes, o crime cometido, a “linguagem dos outros”, social e burocrática, para entrar numa zona do indomesticado, do informe e do aberto.

## Referências

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Pau-Brasil. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda*



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

- Europeia e Modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972, p. 203-208.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 226-232.
- BATAILLE, Georges. *Documents*. Trad. João Camilo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018. 272 p.
- BARTHES, Roland. *O Neutro*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 444 p.
- BARBOSA, Thiago de Melo. Stephen Dedalus: a construção do personagem-compósito em *Ulysses*. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 72-83, 2018.
- BOAVENTURA, Maria Eugenia. *A Vanguarda Antropofágica*. São Paulo: Ática, 1985. 211 p.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 552 p.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005. 126 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie*. Paris: Éditions de Minuit, 1980. 641 p.
- GIORGI, Gabriel. *Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. 238 p.
- JARDIM, Eduardo. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016. 142 p.
- JOYCE, James. *Retrato do Artista quando jovem*. Trad. José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1971. 238 p.
- LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961. 376 p.
- LIBRANDI-ROCHA, Marília. Escutar a escrita: por uma teoria literária ameríndia. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 179-202, 2012.
- MACIEL, Maria Esther. Poéticas do animal. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/ escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011. p.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

85-101.

NASCIMENTO, Evando. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 303 p.

NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979. 77 p.

RILKE, Rainer Maria. *Elegias de Duíno*. Trad. Dora Ferreira da Silva. 6. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013. 125 p.

ROSENFELD, Anatol. Reflexão sobre o romance moderno. In: *Texto e Contexto I*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 75-97.

SÁ, Lúcia. *Literatura da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 396 p.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979. 280 p.

SÁ, Olga de. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2004. 272 p.

SANTIAGO, Silviano. Bestiário. In: *Ora (direis) puxar conversa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 157-191.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 212 p.

SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. 626 p.

TAITTIRIYA-UPANISHAD. In: *Os Upanishads: sopro vital do eterno*. Trad. Cláudia Gerpe. São Paulo: Pensamento, 1987. 157 p.

YELIN, Julieta. Viajes a ninguna parte. Sobre la representación de la animalidad en “Meu tio o iauaretê”, de João Guimarães Rosa y *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. *Itinerários. Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Históricos y Antropológicos*, Polonia, v. 8, p. 223-233, 2008.